



Resenha

Entre interiores e capitais: antropologia, formação e pesquisa no Rio Grande do Norte

Between interiors and capitals: anthropology, training and research in Rio Grande do Norte

Entre interiores y capitales: antropología, formación e investigación en Rio Grande do Norte

SCHWADE, Elisete; PEREIRA, Edmundo (Org.). *Entre interiores e capitais: antropologia, formação e pesquisa no Rio Grande do Norte*. São Paulo: Annablume, 2015. 202 p.

Cleiton Vieira

Doutorando pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte,
Natal, Rio Grande do Norte, Brasil
cleiton.vsr@gmail.com

Os historiadores da antropologia brasileira têm comumente apontado para o papel da criação da pós-graduação na consolidação da disciplina no Brasil. Num novo fôlego, o aumento da oferta de cursos de mestrado e doutorado nos últimos anos alargou esse cenário a todos os estados da federação e trouxe novos eixos e meandros de produção científica. Essa nova face traz consigo uma maior mobilidade entre estudantes e docentes, costurando redes e relações acadêmicas frutíferas e que nos empurram mais fortemente à excelência, à diversidade e à descentralização. O livro *Entre interiores e capitais*, organizado por Elisete Schwade e Edmundo Pereira, insere-se, de maneira polifônica, nesse campo e nos coloca diante duma outra expressão de pesquisas realizadas por jovens antropólogos que se debruçam sobre a complexa vida social no Rio Grande do Norte – e uma parte menor sobre o contexto de Fortaleza, no Ceará. Arrisco pontuar que a publicação tem um forte potencial para apresentar historicamente parte do percurso recente da antropologia realizada no estado, principalmente a partir de Natal, ao reunir artigos

de diferentes autores e autoras formados pelo PPGAS/UFRN desde quando havia a oferta de sua especialização em antropologia – como é o caso de um dos autores.

Partindo de concepções em articulação na cidade de Natal a respeito de divisões que mesclam posições geográficas e modos de vida, os termos “interior” e “capital” ganham vida em grande parte da vida social natalense. Essas palavras situam localmente lugares que estão em constante fluxo por meio da movimentação de pessoas, ideias e coisas pelas fronteiras internas do estado. Como natural do estado, tendo vivido em diferentes cidades na região, percebo que o uso do termo “interior” acontece geralmente por aqueles e aquelas que vivem em Natal ou que estão em constante fluxo com a capital. Moradores do “interior” do estado não tendem a centrar suas narrativas e identidades numa oposição “interior/capital”. Nesse sentido, algo ou alguém pode ser atribuído como originado do “interior” ou especificando sua localidade, como quando se fala em comidas típicas, artigos ou eventos em geral. “Galinha caipira”, “queijo de Jucurutu”, “bordados de Caicó”, “festa de São João de Açu”, “doces do Jardim do Seridó”, etc. Mesmo que essas cidades ou microrregiões compreendam também extensões rurais, a ação construtiva de dois mundos sociais separados entre “rural” e “urbano” podem não ser tão rígidos nos discursos locais. A separação entre “interiores e capital” é criativa em dispor esferas socioculturais expressivas de sociabilidades.

É a partir desse contexto discursivo que Schwade e Pereira (2015) nomeiam o livro, ao perceberem que a maior universidade pública do estado abarca metade de alunos provenientes do “interior” do estado, com fortes movimentos de gentílicos acompanhados do termo. Ao pontuar essa interessante proposta, os organizadores dividem o livro em dois momentos, “interiores” e “capitais”, para dispor artigos que apresentam resultados de pesquisas realizadas por mestres e mestradas formados pela UFRN, no âmbito também do programa PRODOC/CAPES (Programa de Apoio a Projetos Institucionais com a Participação de Recém-Doutores), que entremeia ações de pesquisa, ensino e extensão. Assim, o livro reúne estudos etnográficos que alcançam todas as mesorregiões do Rio Grande do Norte, além de estar envolvido expressamente em um processo acadêmico que pensa a comunidade em volta da universidade e a formação de estudantes. Schwade e Pereira (2015) demonstram bem isso ao marcarem em sua introdução como a antropologia norte-rio-grandense está fortemente aliada às agendas sociais, focando problemas locais e sua ligação com dimensões nacionais e globais.

Cada parte de *Entre interiores e capitais* é aberta com uma apresentação de uma antropóloga; Renata de Castro Menezes abre *Interiores*, e Rozeli Maria Porto, *Capitais* (termos colocados no plural pelos organizadores no intuito de demarcar a diversidade de modos de vida e atores que transitam nos fluxos que essas esferas demarcam, mas não limitam). Menezes argumenta que os textos que seguem situam contemporaneamente assuntos “clássicos” da antropologia, como artesanato e suas problemáticas envolvendo conflitos entre “moderno” e “tradicional”, etnicidade e sociabilidade, práticas terapêuticas, além de masculinidades. Porto, por sua vez, vislumbra como os artigos e suas respectivas pesquisas no contexto da capital norte-rio-grandense são potentes em pensar uma

epistemologia local, relacionando contextos comumente descritos como “complexos” e saberes locais.

Na primeira parte da coletânea temos etnografias de temas muito diferentes entre si. No artigo de abertura temos o estudo de Nilton Bezerra sobre a produção de artesanato na cidade de São Gonçalo do Amarante, no qual podemos perceber a formação de uma cooperativa artesã e seus conflitos com concepções de tradicional e moderno e com a indústria local. Bezerra contribui ainda para pensar a oposição entre arte/artesanato, e suas problemáticas envolvendo autoria e a organização produtiva, que se confunde com a produção da cultura local na confecção de louças de cerâmicas, postulando a relação com o rio e suas enchentes na colheita do material e a participação dos corpos dos artesãos.

Flávio Ferreira, nos transportando para o agreste do estado, demonstra como em São Tomé os moradores locais vivenciam sociabilidades em torno do ritmo do forró, na organização de festas – os “donos do forró” –, na produção da memória local sobre a origem comum e na formação étnica. Interessante notar como o autor etnografa os encontros, e como o forró circula em “trajetos festivos” entre as famílias etnicamente diferenciadas com mitos de origem comuns; as quais resolvem seus conflitos através de jogos vivenciais ao expressar valores compartilhados – o que facilmente nos lembra da circulação do kula descrita por Malinowski.

Francimário Vito se afasta de Bezerra e realiza um estudo etnográfico sobre um dos elementos mais comuns no estado, as rezadeiras ou benzedadeiras. Centrando-se em Cruzeta, na microrregião de Seridó Oriental, Vito é sagaz ao descrever como mulheres acionam saberes tidos como tradicionais para realizar rezas e súplicas que objetivam reestabelecer o equilíbrio físico e espiritual dos suplicantes que buscam por suas ajudas. Assim, o autor não descreve apenas os circuitos de práticas terapêuticas, mas as formas de iniciação e organização curativa. Essas mulheres, comuns em todo o Rio Grande do Norte, contam que realizam curas de doenças a partir da recepção do dom de Deus, e são ávidas por explicar e curar malefícios que desestabilizam a vida do indivíduo que as procuram. Para encerrar *Interiores*, Francisco Aires realiza uma etnografia sobre a construção de masculinidades por homens vaqueiros. Prática profissional na região, os vaqueiros são homens que montados a cavalo derrubam bois tendo em vista dinheiro. As vaquejadas não reúnem apenas espectadores para a derrubada do boi, há também festas que unem forró e sertanejo e têm um forte atrativo local. Ao acompanhar os torneios por nove cidades norte-rio-grandenses, Aires demonstra a pertinência dos estudos de gênero para entender a vaquejada como atividade esportiva e expressão lúdica, pontuando como os vaqueiros explicam suas vidas e seu ofício num emaranhado complexo de relações sociais e eventos.

Na segunda parte do livro podemos perceber fenômenos e relações sociais situados na capital Natal, os quais aliam temas como geração, religião, identidade, gênero e *ethos* de comunidade. Andreia Regina se concentra no estudo da “malhação de Judas”, um evento anual durante o período da Semana Santa, no qual os moradores do bairro das Rocas se reúnem na confecção de um boneco que representa Judas, o traidor de Jesus,

para em seguida “malhá-lo”, imolá-lo; jovens, adultos e crianças danificam o boneco a todo custo. Orientada por muitas curiosidades, Regina se pergunta o que esse boneco realiza no bairro, e o situa no contexto da territorialidade urbana local para mostrar como a “malhação” age como ritual na produção de identidade fortemente ligada à festa posterior ao Sábado de Aleluia. Jean-Claude da Fonseca no artigo em seguida, por outro lado, procura se concentrar em duas igrejas protestantes locais da região metropolitana de Natal. Preocupado com a comparação das duas igrejas, Fonseca mostra como as mulheres estão situadas nesse contexto, descrevendo relações de poder, coerção e controle aliadas ao cenário de secularização com que as unidades eclesiais se defrontam desafiadoramente na manutenção de seus cotidianos. O estudo é primaz para entender contemporaneamente a “cultura bíblica” a que Renata Menezes faz alusão na sua introdução à primeira parte do livro, bem como o crescente número de comunidades e indivíduos que professam ligação religiosa ao protestantismo e suas produções de hierarquias entre o feminino e o masculino.

João C6, estudante guineense em intercâmbio na UFRN, estuda em seu artigo como estudantes de seu país se relacionam e negociam espaços de sociabilidade com a sociedade brasileira. Centrada em Natal e em Fortaleza, a pesquisa demonstra como estratégias de convivência enquanto pessoas “de fora” desembocam também na produção de uma nova identidade, pensando diáspora, pós-colonialismo e migração. Ao fechar a segunda parte e o próprio livro, outro estudo aproximado, o de Jaína Alcântara, interessa-se em perceber como jovens articulam identidades e consumo de psicoativos numa complexa rede de sociabilidade que une diferentes sítios na cidade de Fortaleza.

Nesse sentido, *Interiores e Capitais: antropologia, formação e pesquisa no Rio Grande do Norte* é uma importante publicação no cenário brasileiro porque apresenta resultados de diferentes pesquisas que engajaram professores e discentes também na formação de antropólogos e pesquisadores. Ao pensar a produção social da vida ativa, majoritariamente no âmbito potiguar, o livro torna evidentes meandros locais, ligando os antropólogos às agendas sociais de comunidades inteiras que se preocupam com a manutenção de suas histórias e cotidiano, bem como o interesse antropológico por questões desconhecidas do público maior, mas que animam a vida social local. Além disso, o livro de Schwade e Pereira (2015) marca um capítulo na história da antropologia brasileira, e descentraliza a produção nacional ao demonstrar a expansão da oferta da disciplina e seu exercício etnográfico, que articula o local, o nacional e entra potencialmente nas dinâmicas globais do saber. Uma leitura obrigatória para entender a história mais recente da antropologia no cenário potiguar.

Data de recebimento da resenha: 18/10/2017

Data de aprovação da resenha: 03/08/2018